
Ensino Remoto Emergencial (ERE): dialogismo no ensino de Língua Portuguesa em tempos de pandemia -Sars-Cov-2/COVID-19

Emergency Remote Teaching (ERE): dialogism in Portuguese language teaching in times of pandemic -Sars-Cov-2/COVID-19

Ediel Santos e Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5816-1793>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: edielsnts@gmail.com

Talita Rodrigues de Sá

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3924-7687>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: talitasa11@yahoo.com.br

Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2574-4183>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: cardoso_socorro@yahoo.com.br

Daniele da Silva Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7718-0829>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: danieledsc2709@gmail.com

Aline Silveira Machado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7687-2791>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: alinesmachado4@gmail.com

Fabio Rogério Gomes Fortunato

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7188-1410>

Universidade do Estado do Pará, Brasil

E-mail: rogergofort@gmail.com

Waldiney Campos de Avelar

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6526-5501>

Secretaria Municipal de Educação, Brasil

E-mail: walavelar@hotmail.com

Roseane do Espírito Santo Lima

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7245-170X>

Secretaria Municipal de Educação, Brasil

E-mail: roseanelimaeducadora@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral: realizar estudo analítico acerca do papel do dialogismo na prática docente durante o ensino remoto emergencial (ERE) nos cursos de Licenciatura em Letras, em tempos de pandemia. O aporte teórico-metodológico está pautado nas seguintes etapas: 1) fundamentação teórica e 2) metodologia composta de pesquisa empírica em universidade pública. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado. Os sujeitos da pesquisa são docentes do curso de Letras – Língua Portuguesa. As informações alcançadas por meio das respostas dos sujeitos selecionados compõem o *corpus* da pesquisa, sendo, dessa forma, analisadas quanti-qualitativamente. Ao final da análise dos dados, concluiu-se que as práticas dialógicas migraram para o ensino remoto juntamente com os docentes e discentes, no entanto, na maioria das vezes, elas não obtêm o mesmo nível de produtividade que o ensino presencial.

Palavras-chave: ERE; Ensino de Língua Portuguesa; Sars-Cov-2/COVID-19.

ABSTRACT

This research has the general objective: to carry out an analytical study on the role of dialogism in teaching practice during emergency remote teaching (ERE) in Bachelor of Arts courses, in times of a pandemic. The theoretical-methodological contribution is based on the following steps: 1) theoretical foundation and 2) methodology composed of empirical research in a public university. The data collection instrument is a semi-structured questionnaire. The research subjects are professors of the Letters – Portuguese Language course. The information obtained through the answers of the selected subjects make up the corpus of the research, being, therefore, analyzed quantitatively and qualitatively. At the end of the data analysis, it was concluded that dialogic practices migrated to remote teaching along with teachers and students, however, most of the time, they do not obtain the same level of productivity as face-to-face teaching.

Keywords: ERE; Portuguese Language Teaching; Sars-Cov-2/Covid-19.

INTRODUÇÃO

A formação docente dificilmente deixará de ser pauta de assunto quando se discute a educação brasileira. Dominar quaisquer assuntos antes de ensiná-lo parece ser a principal regra a ser seguida por docentes, independentemente de sua área de atuação. É necessário também, como nos ensina Paulo Freire -Patrono da Educação brasileira-, estar disposto a aprender à medida em que se está ensinando, haja vista que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (FREIRE, 2002, p.47).

O contexto atual da educação no Brasil (pandemia *versus* distanciamento social *versus* ensino remoto emergencial) propõe nova discussão acerca do cenário educacional brasileiro. Essa aliança forçada entre tecnologia e ensino que exige a adaptação das práticas pedagógicas provocou muitos questionamentos desde os primeiros dias do advento da pandemia da COVID-19 – responsável por 638.362 (seiscentos e trinta e oito mil trezentos e sessenta e dois) óbitos confirmados de brasileiros, conforme dados do Sistema Único de Saúde (SUS/2022), fato que contradiz a fala do Governo -É uma gripezinha!-. Dentre os questionamentos, como propõe Mendes (2020): Quais os limites do ensino remoto emergencial, sobretudo na rede pública de ensino?

Nesse sentido, a presente pesquisa discorre acerca das dificuldades e desafios enfrentados por docentes da educação superior diante a imposição do Ensino Remoto Emergencial (ERE) em tempos de pandemia. Realizamos um estudo analítico acerca do papel do dialogismo na prática docente durante a execução do ERE, buscando identificar, observar e descrever aspectos que confirmem a presença do dialogismo. Assim, apontaremos dados referentes aos benefícios e desafios da implantação de propostas dialógicas em meio ao contexto atual na formação de docentes de Língua Portuguesa, haja vista as discussões vigentes acerca dos impactos no ensino que estão sendo deixados pela pandemia.

Para tanto, esta pesquisa fundamenta-se por meio de aporte teórico-metodológico com vistas a realização de pesquisa bibliográfica e, posteriormente, a pesquisa empírica como meio de levantamento e sistematização de dados. Inicialmente, por meio da pesquisa bibliográfica, analisamos publicações que abordam o tema pesquisado, bem como suas implicações na prática docente. Assim, considerando a proposições de Lakatos & Marconi (1992, p.43-44), “a pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias é a que

especificamente interessa a este trabalho”, haja vista que “trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita”.

A pesquisa de campo, está estruturada em observação indireta intensiva e observação indireta extensiva. Deste modo, formulamos um questionário semi-estruturado para ser enviado por meio de um *link*, a ser acessado, respondido e devolvido *online*. O questionário foi elaborado com 14 (quatorze) perguntas com vistas à atuação docente, objetivando evidenciar falas referentes às práticas, transformações, desafios e adaptações da jornada docente ocorrida durante o período de execução de ERE nas turmas de Letras – Língua Portuguesa.

O universo da pesquisa constitui-se por docentes do ensino superior, que desenvolvem suas práticas contribuindo com a formação de docentes de Língua Portuguesa, ofertado por instituição pública de educação superior, pertencente à esfera Federal. Uma equipe de docentes formada por 12 (doze) profissionais foi convidada a participar da pesquisa. Primeiramente, o questionário foi encaminhado a todos por meio de correio eletrônico (e-mail). Posteriormente, em vista da demora para a devolução do mesmo, contactou-se, por meio da assessoria pedagógica, a diretoria da Faculdade de Letras, que intermediou assim o envio do *link* das perguntas por meio do WhatsApp. Obtendo assim um percentual positivo de respostas.

Fora estipulado o prazo de 01 (um) mês para a devolução das respostas ao pesquisador. Finalizado esse período, do total de docentes do curso de Letras – Língua Portuguesa, obtivemos participação de 08 (oito) sujeitos, registrando mais de 60% do público escolhido.

Espera-se que os dados apontados nesta pesquisa sirvam de embasamento para estudos posteriores que abarcam a mesma temática, bem como promovam discussões acerca da formação docente, sobretudo em tempos de pandemia, propiciando reflexões sobre os desafios e possibilidades do uso de propostas dialógicas dentro das salas de aula como meio relevante para apreensão de conteúdos transmitidos de forma síncrona e assíncrona¹, assim como promoção da aprendizagem, independentemente das aulas acontecerem de maneira remota, híbrida e/ou presencial.

ENSINO REMOTO E COVID-19: O NOVO NORMAL

Desde o início da pandemia do novo coronavírus, 638.362 brasileiros foram a óbito, conforme dados divulgados pelo Ministério da Saúde, por meio da Secretaria de Vigilância Sanitária em Saúde (SVS/MS) que refletem as consequências da COVID-19. O que reafirma a enorme contradição existente entre a afirmativa do Governo -“É uma gripezinha!”- e a realidade vivida por milhares de brasileiros, refletindo o quão omisso mesmo o tem demonstrado ser.

No contexto da educação, as práticas de educação remota cresceram abruptamente no mundo todo devido à pandemia. No entanto, no Brasil as atividades mediadas por plataformas digitais assíncronas e síncronas demoraram para serem adotadas como forma de prosseguir o ano letivo. O Ministério da Educação, desde o advento da pandemia, tem elaborado e publicado regulamentações com o objetivo de orientar o trabalho pedagógico das unidades acadêmicas dos mais variados âmbitos e cenários da educação nacional, destacando-se a portaria de nº 544, de 16 de junho de 2020.

Embora os estados e municípios tenham buscado por vezes retomar paulatinamente as aulas presenciais, propondo medidas sanitárias de prevenção à COVID-19, infelizmente, as diversas tentativas tiveram que ser “pausadas” devido ao cenário pandêmico instável ao qual o mundo tem enfrentado.

A nível estadual, no Pará, documentos oficiais como a Nota Técnica Conjunta CEE/PA-SEDUC Nº 01/2020 apesar de considerar as peculiaridades das instituições de ensino paraense, propor diversos meios de prevenção à COVID-19, demonstrar preocupação com a continuidade do ensino e cumprimento da carga-horária, propor a retomada progressiva das atividades presenciais e dispor de orientações e normas técnicas para a sua execução, de quase nada adiantou, haja vista que a pandemia parece estar longe do fim.

Apenas as unidades de educação básica privada e as instituições de ensino superior conseguiram seguir, paulatinamente as orientações propostas, dando início ao ensino remoto emergencial (ERE) por meio de plataformas *online*, que, como podemos apontar, promovem ainda mais a situação de desigualdade social vivida por milhares de estudantes brasileiros.

Nesse contexto, Saviani & Galvão (2020) criticam a medida proposta pelo MEC, na qual implanta o ensino remoto emergencial como meio de evitar a total paralisação das atividades acadêmicas no Brasil. Os autores apontam para um novo significado da palavra

“ensino” em tempos de pandemia, o qual o torna incoerente, haja vista que as propostas vinculadas ao “ensino” remoto jamais conseguiram – nem conseguirão – englobar todos os estudantes brasileiros, independentemente do nível acadêmico ao qual o discente se encontra, basta considerarmos a enorme desigualdade social presente em nosso país.

A expressão *ensino remoto* passou a ser usada como alternativa à educação a distância (EAD). Isso, porque a EAD já tem existência estabelecida, coexistindo com a educação presencial como uma modalidade distinta, oferecida regularmente. Diferentemente, o “ensino” remoto é posto como um substituto excepcionalmente adotado neste período de pandemia, em que a educação presencial se encontra interdita (SAVIANI & GALVÃO, 2021).

A proposta do ensino remoto emergencial não tem alcançado os objetivos para os quais foi planejado. Basta olharmos o contexto de apenas uma instituição pública de ensino que veremos, quase que espelhada, a realidade de outras tantas. Independentemente do nível acadêmico oferecido, a precariedade dos prédios públicos e a ausência de recursos tecnológicos não difere muito. Em meio ao contexto pandêmico, diga-se de passagem, o grau de dificuldade para promover um “ensino de qualidade” aumenta significativamente. Nessa perspectiva, Saviani & Galvão acrescentam que

O “ensino” remoto é empobrecido não apenas porque há uma “frieza” entre os participantes de uma atividade síncrona, dificultada pelas questões tecnológicas. Seu esvaziamento se expressa na impossibilidade de realizar um trabalho pedagógico sério com o aprofundamento dos conteúdos de ensino, uma vez que essa modalidade não comporta aulas que se valham de diferentes formas de abordagem e que tenham professores e alunos com os mesmos espaços, tempos e compartilhamentos da educação presencial (SAVIANI & GALVÃO, 2021).

As implicações pedagógicas discutidas pelos autores acerca do “ensino” remoto sinalizam “que o discurso de adesão por falta de opção é falacioso”, uma vez que é perceptível que houve falta de empatia com o colegiado dos estudantes brasileiros, partindo do pressuposto de que a educação se torna excludente e não democrática quando não é ofertada da mesma forma a todos.

A implantação do ERE, inspirado no ensino à distância nos convidam a refletir acerca de um novo cenário para a educação brasileira, uma realidade interligada à tecnologia cujos fins são extraordinários quando apresentados teoricamente. Sem dúvidas, inimagináveis seriam as possibilidades para o preparo das aulas, podemos apenas sugerir que essas seriam enriquecidas e, com certeza, possibilitariam um maior alcance nos estudantes brasileiros.

Assim como todos vem tentando se adaptar à nova realidade com os professores não foi diferente, as adequações foram necessárias para a nova rotina que em vez de trabalharem em salas lotadas, estão diante de computadores e celulares esforçando-se para fazer com que os estudantes

aprendam em casa com o auxílio dos familiares (BARBOSA; JUNIOR, 2021, p.170).

Lemov & Woolway (2021) destacam que no “novo normal” temos testemunhado incontáveis desafios nas novas “salas de aula”, desafios que vão desde os problemas de conexão à internet, a falta de um dispositivo para conectar-se (por ambas as partes, discentes e docentes), até os diversos locais aos quais discentes têm participado das aulas e, não menos importante, docentes dando aula com seus filhos no colo, haja vista que o trabalho externo se incorporou ao trabalho do lar. Em contrapartida, como afirmam os autores, vimos ainda, uma atitude de determinação, uma disposição para resolver problemas diante de situações que estão fora do nosso controle. Olhando cada vez menos para trás e voltamo-nos cada vez mais integralmente para o futuro.

O DIALOGISMO COMO PRÁTICA DOCENTE

A interação entre os indivíduos advém como principal meio para aquisição de conhecimento, é por meio da oralidade, expressões faciais e corporais que nos conectamos ao outro e essa ação quando respondida com reciprocidade promove o diálogo onde ocorrem as trocas de experiências de aprendizagem entre os falantes.

Assim, durante o processo de ensino e aprendizagem, docente e discente necessitam estar na mesma sintonia, onde ambos têm seus espaços de fala e contribuição. Um dos grandes déficits percebidos no decorrer dos meses aos quais a educação tem sido ofertada por meio da modalidade remota é a falta de participação dos estudantes durante as aulas, o que impossibilita – muitas vezes – uma completa aquisição do que está sendo ensinado, haja vista que esse processo deve ser pautado na troca de experiência entre o sujeito que ensina e o que aprende.

Docentes dos mais diversos níveis de ensino têm sido desafiados a despertar em seus estudantes a capacidade de interagir, por meio das videoconferências – em muitos casos, sem sucesso. Apesar das incontáveis formas e métodos viáveis à aprendizagem, o contexto do ensino remoto promoveu um distanciamento que vai muito além do físico, o que observamos é que o conhecimento tem se distanciado ainda mais de milhares de estudantes. A tela do computador ou do aparelho celular, embora tenha sido proposta como ferramenta de acessibilidade às aulas, tem construído uma barreira para a dialogização antes vista como natural nas salas de aula presenciais.

Em vista de diversos estudos já realizados desde o advento da pandemia, em 2020, nota-se que o ensino superior fora uma das poucas áreas da educação brasileira que tem

conseguido dar seguimento ao ensino de seus formandos. Por meio da utilização de ferramentas como *Zoom*, *WhatsApp*, *Google Classroom* e *Google Meet* muitos campi universitários têm conseguido prosseguir com suas aulas de forma síncrona.

Nesse contexto, ressalta-se que mesmo antes da pandemia, lentamente, as plataformas EaD vinham conquistando espaço e aceitação do público em geral. São cursos de diversos níveis oferecidos em ambiente como uma sala de aula, cujos conteúdos são apresentados nas formas síncronas ou assíncronas, ministrados por tutores que adotam estratégias de interação como debates, fóruns, questionários, leituras, reprodução ou produção de vídeos ou de arquivos de áudios (*podcasts*) (MENDES, 2020).

Garantindo, assim, aos estudantes, o acesso ao ensino superior, mesmo fora das salas de aula da universidade, embora saibamos que “todos esses recursos midiáticos presentes no espaço escolar, sem dúvida geram um forte impacto na educação” (SANTOS et al. BRITO, 2020) e que a aquisição de conhecimento não consegue ser completamente eficaz sem o contato entre docente e discente.

Professor e aluno estão unidos pelos processos de ensino e aprendizagem. Entretanto, a ação de ensinar desenvolvida pelo professor não traz a garantia líquida e certa de que o aluno aprendeu. Na sala de aula, é mais fácil perceber a aprendizagem satisfatória ou a não aprendizagem de determinado conteúdo ensinado. Entretanto, em tempos de ensino remoto, essa constatação se tornou um desafio e motivo de angústia para a maioria dos professores. (PINHO et al., 2021, p.142).

A educação brasileira, infelizmente, tem sido insuficiente diante desse novo cenário. Devido à dificuldade de acesso à tecnologia e informação ter aumentado e à falta de habilidade de muitos docentes em adequar propostas de ensino vinculadas ao ensino remoto, à falta de interação, o ensino público e gratuito tornou-se mais distante. O desafio maior – diga-se de passagem – é distanciar-se das práticas tradicionais de sala de aula físicas e adequar-se ao ensino síncrono (virtual) proposto por meio das telas de computadores e aparelhos celulares.

Em contrapartida, nota-se, portanto que a modalidade da educação remota além de, na prática, estar sendo uma extensão do ensino à distância, destaca-se também por apresentar adaptação temporária das metodologias utilizadas no regime presencial, com as aulas sendo realizadas nos mesmos horários e com os professores responsáveis pelas disciplinas dos cursos presenciais (ALVES, 2020, p.358), o que por si só realça o grande desafio que está sendo promover o ensino no Brasil.

Essa reprodução de metodologias tradicionais dentro do ensino remoto aliada a ausência de interação nas aulas, provoca imensa lacuna na formação de estudantes,

sobretudo das licenciaturas, que precisam utilizar, acima de tudo, a oralidade como principal ferramenta de trabalho. Ademais, as instituições de ensino superior acabam não concretizando sua principal finalidade que é de formar profissionais cujas habilidades sejam plenamente desenvolvidas, assim o dever de promover ensino de qualidade fica sujeito a lacunas de conteúdo, de carga-horária e, principalmente de reflexão.

APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Parafrazeando Gil (2008), a pesquisa pode ser definida como um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, entre outros, seu objetivo principal é elucidar respostas para problemáticas levantadas mediante a utilização de procedimentos científicos.

Assim, partindo da concepção de pesquisa como “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2002, p.17) esta investigação se desdobra a partir de levantamento de dados bibliográficos que abordam a temática investigada em seu *corpus*. Portanto,

a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2008, p.50).

O arcabouço teórico desta pesquisa recorre aos estudos de Bakhtin (2003) que se debruça acerca da teoria dialógica, fundamentando nossa discussão entorno da utilização do dialogismo na prática docente, como instrumento fundamental na construção do ensino e aprendizagem. Tais contribuições são consideradas, uma vez que o autor é o primeiro pensador contemporâneo a debruçar-se sobre os estudos da linguagem, analisando-os sem dissociá-los da materialidade da vida social.

A luz de outros autores como Fiorin (2011), Hamildo & Margarida (1992), Mendonça, Andreatta & Schlude (2021), Brait (1997), Santos (2020), Pinho et al (2021), entre outros, que centralizam seus estudos na teoria dialógica bakhtiniana, na prática docente, ou nos impactos do ensino remoto emergencial, assim como seus desafios e possibilidades na educação brasileira, fundamentamos a tessitura desta pesquisa, bem como a formulação das perguntas que constituem a base de levantamento de dados do viés da pesquisa de campo.

APORTE METODOLÓGICO

Com a finalidade de reunir subsídios, inicialmente recorreremos à pesquisa de cunho bibliográfico, por meio da análise de material publicado sobre o tema, tendo em vista que debruçar-se à leitura de publicações e demais materiais equivalentes enriquecem e enrijecem o suporte bibliográfico desta pesquisa, de modo que os autores consultados realizam profundas abordagens dentro da temática estudada. Assim, conforme Gil (2002):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (GIL, 2002, p.45).

De tal modo, nos guiamos por meio de um questionário semi-estruturado de 14 (quatorze) questões que versam acerca da temática investigada, haja vista que

...um questionário de pesquisa social é um conjunto de perguntas, afirmações ou escalas (no papel, pelo telefone ou na tela) geralmente feitas da mesma forma para todos os entrevistados. Os dados são transformados em totais, médias, porcentagens, comparações e correlações, tudo se adaptando muito bem em uma abordagem quantitativa (STAKE, 2011, p.111-112).

Em vista da impossibilidade de nos dirigirmos fisicamente a campo, devido a necessidade de seguir as medidas de isolamento social, optou-se por escolher uma versão digital/*online*. O questionário aplicado teve como público alvo os docentes do curso de Letras – Língua Portuguesa que foram – e têm sido – atuantes na educação superior no ensino durante o ensino remoto emergencial.

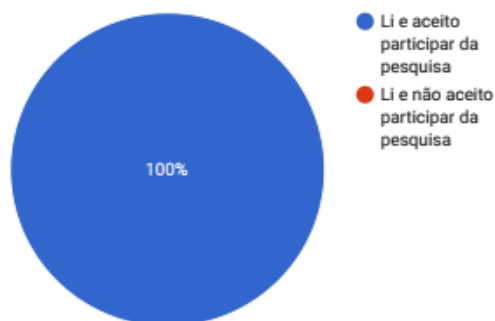
ANÁLISE DO *CORPUS*: DADOS DO QUESTIONÁRIO

Este tópico está destinado a análise do *corpus* selecionado em questionário que teve como objetivo coletar dados que confirmem a presença do dialogismo como prática docente durante as aulas remotas/hibridas de estudantes do curso de Letras – Língua Portuguesa, bem como evidenciem falas referentes às práticas, transformações, desafios e adaptações da jornada docente ocorrida desde o início do período de execução do ensino remoto emergencial.

Antes de partir para as perguntas referentes às práticas docentes no período de execução de ERE, solicitamos aos respondentes que confirmassem ciência do Termo de Livre Esclarecido e, posteriormente, o sexo do(a) participante. Os seguintes gráficos

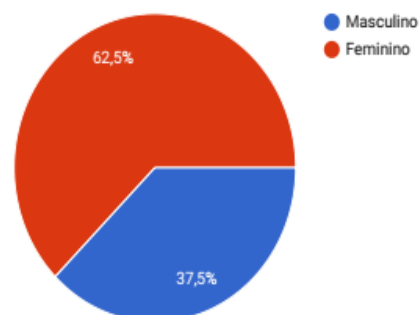
mostram os percentuais equivalentes às respostas dos sujeitos participantes da pesquisa por meio do questionário.

Gráfico 01: Termo de Livre esclarecido



Fonte: pesquisa de campo 2021

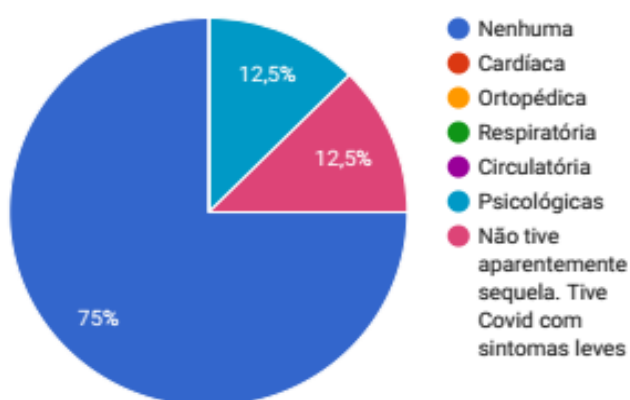
Gráfico 02: Qual é o seu sexo?



Fonte: pesquisa de campo 2021

Conforme ilustram os gráficos 01 e 02: os dados levantados com a aplicação do questionário semi-estruturado foram organizados em gráficos e representam a participação de mais de 60% (08 docentes) de um universo de 100% (12 docentes) que desempenham suas atividades na formação de professores de Língua Portuguesa em Universidade Pública Federal. Homens e mulheres participaram da pesquisa. Todos receberam – por *e-mail* – uma cópia do Termo de Livre Esclarecido a fim de que fossem situados acerca da importância da mesma e se dispusessem a realizá-la no tempo estipulado.

Gráfico 03: Quais doenças físicas você adquiriu durante a pandemia?

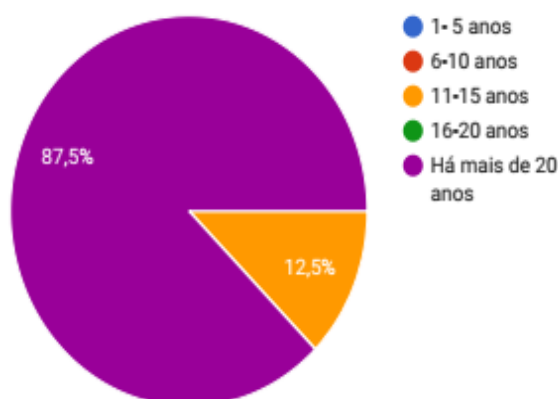


Fonte: pesquisa de campo 2021.

Conforme ilustra o gráfico 03 acima: os participantes da pesquisa, quando questionados se adquiriram algum tipo de doença física no período da pandemia, responderam – em maioria – que nenhuma doença foi adquirida nesse período, obtendo o percentual de 75% (06 docentes). O equivalente a 12,5% (01 docente) respondeu que aparentemente não têm sequelas, mesmo tendo adoecido de COVID-19 com sintomas leves. Os 12,5% restante (01 docente) diz que desenvolveu algum tipo de doença psicológica.

Embora os dados relacionados as doenças psicológicas tenha sido pequeno (nesta pesquisa), Alves (2020) ressalta que docentes apontam as condições psíquicas as quais estão sujeitos, tendo que utilizar múltiplos chapéus, para além da sua *expertise* na área a que se propõem a ensinar, precisam dar conta de questões que não deveriam ser são deles, como por exemplo, o pagamento da conexão à internet durante as aulas remotas, ministradas por meio das plataformas digitais.

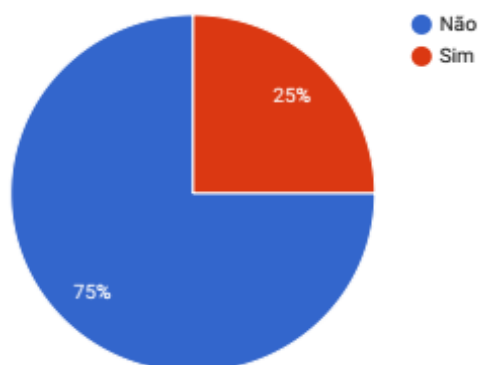
Gráfico 04: Há quanto tempo você trabalha como docente?



Fonte: pesquisa de campo 2021.

Conforme ilustra o gráfico 04 acima: tempo de atuação docente também foi considerado como fator relevante a esta pesquisa. Assim, quando questionados em relação a isso, o equivalente a 87,5% dos sujeitos (07 docentes) respondeu que atua a mais de 20 anos, enquanto que 12,5% (01 docente) aponta que tem de 11 a 15 anos de docência.

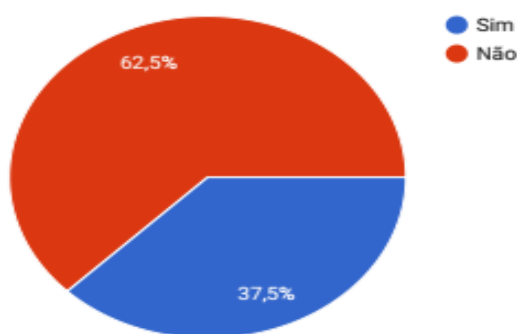
Gráfico 05: Antes da pandemia da COVID-19, você já tinha atuado em algum curso na modalidade remota e/ou de ensino à distância?



Fonte: pesquisa de campo 2021.

Conforme ilustra o gráfico 05 acima: a necessidade de manter continuidade das aulas por meio do ERE evidenciou a ausência de habilidades ou experiência de muitos docentes, sobretudo práticas relacionadas à modalidade remota e/ou à distância. Quando indagados acerca disso, 75% (06 docentes) dos participantes disseram não ter atuado nessa modalidade antes da pandemia, enquanto que apenas 25% (02 docentes) já tinham tido essa experiência.

Gráfico 06: Você já recebeu ou participou de alguma formação para o desenvolvimento de habilidades tecnológicas e de abordagem de cultura digital?



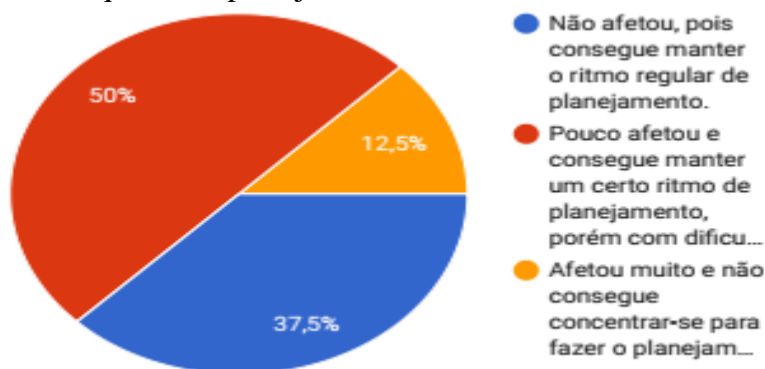
Fonte: pesquisa de campo 2021.

Conforme ilustra o gráfico 06 acima: a partir das respostas obtidas no questionário, pôde-se constatar que apesar de os docentes estarem atuando no ERE desde o ano de 2020, os mesmos ainda não haviam recebido nenhuma formação que fortalecesse suas práticas de ensino no desenvolvimento de habilidades tecnológicas e de abordagem de cultura digital. 62,5% dos sujeitos (04 docentes) responderam que não receberam ou

participou de formação, enquanto que 37,5% (02 docentes) afirmam ter recebido ou participado.

Assim, como afirma Albuquerque (2020), as instituições de ensino precisam adaptar suas propostas pedagógicas, desempenhando seu papel formador frente ao processo tecnológico emergente. Docentes capacitados, tornam-se preparados para essa nova realidade. Por isso, é necessário ofertar formações aos docentes, para que os mesmos possam adaptar suas práticas à nova realidade, pois a inserção das tecnologias digitais requer profissionais capacitados para assumir métodos eficazes que atendam à demanda educacional dos educandos.

Gráfico 07: A modalidade de ensino remoto emergencial afetou a maneira com a qual você planeja as suas aulas?

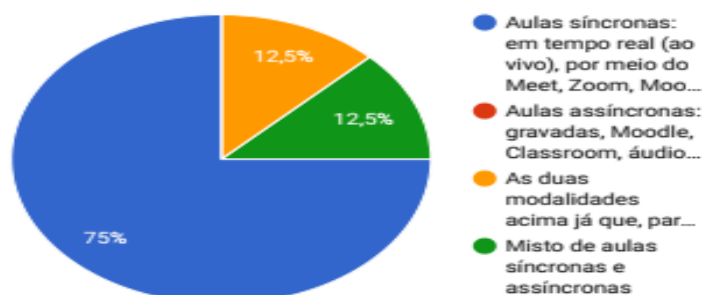


Fonte: pesquisa de campo 2021.

Conforme ilustra o gráfico 07: a adesão ao ERE, embora tenha sido planejada pelo MEC, “pegou a todos de surpresa” quando colocada em prática. Exemplo disso são as dificuldades encontradas pelos docentes ao planejar e executar suas propostas de ensino. Quando questionados a respeito disso, 50% dos sujeitos (04 docentes) afirmaram que, apesar das dificuldades advindas pelo contexto da pandemia, pouco afetou o planejamento das aulas, mantendo dessa forma um certo ritmo. Por outro lado, 37,5% (03 docentes) disseram que não afetou, pois conseguem manter o ritmo regular de planejamento. 12,5% (01 docente) aponta que afetou muito e não consegue concentrar-se para a realização de seu planejamento.

Segundo Saviani (2011), o planejamento eficaz é necessário, haja vista que é a partir disso que docentes organizam meios pelos quais proporcionam a cada indivíduo singular a apropriação dos conhecimentos produzidos pela humanidade. Os procedimentos, tempo, espaço e outros aspectos dependem das condições objetivas de sua efetivação e da natureza dos conteúdos.

Gráfico 08: Nos anos de 2020 e 2021, na maioria das vezes, você possibilitou/disponibilizou as aulas remotas.



Fonte: pesquisa de campo 2021.

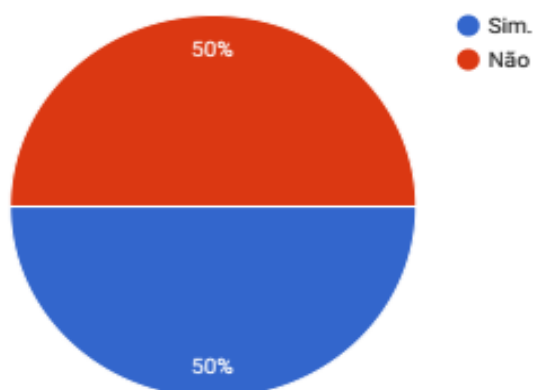
Conforme ilustra o gráfico 08 acima: desde o início do ERE, docentes têm promovido o ensino por meio dos mais variados meios digitais, a partir do uso da internet como principal ferramenta de acessibilidade. A partir disso, perguntamos aos sujeitos o(s) principal(ais) meio(s) pelos quais eles possibilitaram/disponibilizaram as aulas remotas. Como resposta, 75% (06 docentes) disseram que por meio de aulas em tempo real (ao vivo), por meio de plataformas como *Google Meet*, *Zoom*, *Moodle*. Enquanto 25% (02 docente) afirmam que por meio de aulas síncronas e assíncronas, deixando suas aulas gravadas em plataformas como *Moodle*, *Google Classroom*, áudios de *WhatsApp*, *Telegram* ou *vídeos Youtube*, possibilitando assim o acesso dos discentes que não podiam acompanhar em tempo real.

Albuquerque (2020) ressalta que essa mudança abrupta da oferta dos cursos presenciais no formato remoto, por meio de tecnologias de informação e comunicação foi autorizada pelo Ministério da Educação, por meio das Portarias nº 343, de 17 de março de 2020 e, posteriormente, sua alteração nº 345, de 19 de março de 2020, a fim de minimizar os prejuízos da aprendizagem e dar continuidade às atividades curriculares e buscar na medida do possível, preservar o calendário letivo e a formação dos estudantes, mesmo que à distância.

Consoante a essa realidade, Alves (2020) acrescenta que a mediação das tecnologias, principalmente, as digitais, no processo de ensino e aprendizagem, sempre se constituiu em um grande desafio a ser vencido, devido ao cenário educacional apresentar dificuldades como: o acesso e interação a esses artefatos e tecnologias por parte dos estudantes e às vezes, até dos docentes; infraestrutura das instituições que não fornece mínimo necessário para a realização das atividades que necessitam de plataformas

digitais, inclusive conexão à internet e; formação precária dos docentes para pensarem e planejarem suas práticas com essa mediação.

Gráfico 10: Essas dificuldades se mantêm?



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme ilustra o gráfico 10 acima: o período de aplicação do questionário (dezembro/2021 a janeiro/2022), o próximo gráfico mostra a visão dos docentes acerca das dificuldades apontadas anteriormente. 50% (04 docentes) dizem que as dificuldades se mantêm, enquanto que 50% (04 docentes) garante que não.

Para além dessa questão, é necessário enfatizar que a insegurança do corpo docente que na metade dos casos, não se sente preparado para assumir as atividades por meio da mediação das plataformas digitais, seja por conta do nível de letramento digital, ou, por limitações tecnológicas para acesso a estes artefatos (ALVES, 2020).

Gráfico 11: Você conhece alguma proposta dialógica de ensino?



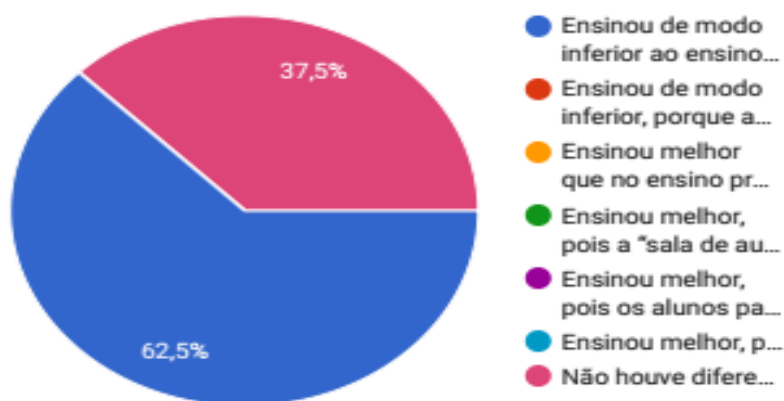
Fonte: Dados da pesquisa

Conforme ilustra o gráfico 11: no tocante ao dialogismo como ferramenta à prática docente, 50% (04 docentes) afirmam que conhecem alguma proposta dialógica, porém não as utilizam em suas aulas, pois desconsideram sua relevância para a formação de

docentes. Por outro lado, outros 50% (04 docentes) asseguram conhecer alguma proposta dialógica e utiliza, pois concorda que tais métodos são relevantes à formação docente.

É por meio do dialogismo que ideias podem ser refinadas e esclarecidas. Wells (1999, p.112) apud Dotta (2009, p.46) ressalta que o conhecimento é co-construído pelos docentes e discentes por meio de atividades em parceria, por meio do debate e do discurso dialógico, assim tal natureza deve ser explorada para possibilitar a construção colaborativa do conhecimento. Essa interação entre sujeitos discursivos fornece subsídios necessários à aprendizagem acerca do enunciado, visto que por meio do enunciado é possível depreender intenções, interpretar sentidos e avaliar posturas de ordem social e ideológica nas verbalizações do locutor (Bakhtin, 2011).

Gráfico 12: No ensino remoto/híbrido para as turmas de ensino superior de Língua Portuguesa, como você avalia sua atuação docente?



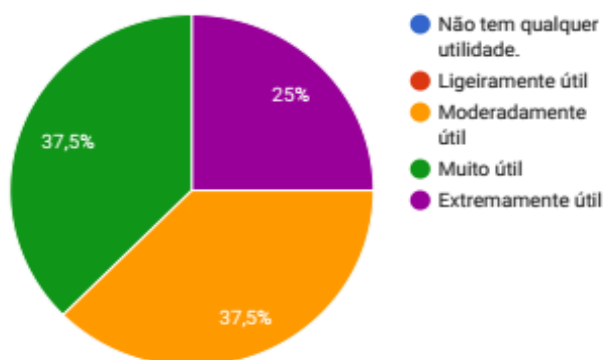
Fonte: pesquisa de campo 2021.

Conforme ilustra o gráfico 12 acima: considerando a atuação docente no período de março/2020 à novembro/2021 (contexto pandêmico ao qual a presente pesquisa se refere), solicitamos aos docentes que marcassem a alternativa que melhor descrevesse a forma com a qual o mesmo avalia sua atuação dentro da proposta de ERE. Assim, 62,5% (05 docentes) responderam que ensinaram de modo inferior ao ensino presencial. Em contrapartida, 37,5% (03 docentes) afirmam que não houve diferença em sua atuação docente.

Nesse sentido, Saviani & Galvão (2020) acrescentam que o ensino remoto é empobrecido não apenas porque há uma “frieza” entre os participantes de uma atividade síncrona dificultada pelas questões tecnológicas, o que provoca o processo de ensino e aprendizagem inferior, mas a impossibilidade de realizar um trabalho pedagógico sério

com o mesmo aprofundamento do ensino presencial, uma vez que nessa modalidade não comporta metodologias que se valham de diversas abordagens.

Gráfico 13: Na sua opinião, quão útil, para o aprendizado em casa, pode ser a utilização de propostas dialógicas como prática docente durante a pandemia?



Fonte: pesquisa de campo 2021.

Conforme ilustra o gráfico 13 acima: por meio dessa questão, buscamos saber a opinião dos sujeitos participantes da pesquisa acerca da utilidade das propostas dialógicas de ensino mediante o contexto do ERE. Com isso, 37,5% (03 docentes) asseguram ser muito útil, outros 37,5% (03 docentes) garantem ser moderadamente útil e, 25% (02 docentes) afirmam ser extremamente útil.

Nesse sentido, consideramos Saviani & Galvão (2021) ao ressaltarem que “a educação não pode não ser presencial”, haja vista que o ensino se constitui essencialmente por meio da interação entre dois sujeitos, relacionando-se simultaneamente. No caso do ensino remoto, métodos dialógicos de ensino são fundamentais, pois não basta apenas a presença simultânea dos agentes, é necessária uma relação interpessoal entre docente e discentes e, discentes e discentes.

Em ambas as categorias podemos observar que embora os docentes estejam vivenciando o mesmo contexto (o pandêmico), suas perspectivas são diferentes. Ensinar por meio do ERE tem possibilitado, a alguns, experiências positivas e enriquecedoras em termos de práticas e adequação das aulas. Por outro lado, para outros, lidar com a nova proposta, além de desafiante, tem sido um trabalho solitário, em termos de planejamento, avaliação e aplicação das aulas.

De todo modo, conforme ressaltam Lemov & Woolway (2021), a boa notícia é que, em meio a esse contexto, docentes se envolveram em face das dificuldades e fizeram o trabalho. Eles têm feito o trabalho e vêm descobrindo soluções para os desafios cotidianos

do ERE. Os docentes se propõe a encontrar uma solução a cada dificuldade que se apresenta em meio ao caminho do ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, se por um lado foram superadas as dificuldades dos docentes relacionadas ao conhecimento de materiais adequados e *softwares*, por outro, ainda se mantêm as dificuldades relacionadas à interação dos discentes, o que torna o trabalho solitário e mais dificultoso principalmente na hora de planejar, executar e avaliar. As práticas dialógicas migraram para o ensino remoto juntamente com os docentes e discentes, no entanto, na maioria das vezes, elas não obtêm a mesma eficácia que têm no ensino presencial.

Apesar das incontáveis dificuldades enfrentadas dentro desse novo normal, o desafio de ensinar remotamente foi aceito e vencido pelos docentes, possibilidades foram encontradas e novas técnicas de ensino foram desenvolvidas. O ensino e a aprendizagem, apesar de tudo, têm rompido as barreiras do distanciamento social. Seja por meio de aulas síncronas ou assíncronas com o uso do computador, celular, *tablet* ou material impresso, as aulas remotas têm chegado às casas dos discentes.

Portanto, acredita-se que esta pesquisa pode ser suporte significativo à reflexão da prática docente, sobretudo em tempos de pandemia, possibilitando também uma visão acerca das implicações na formação de docentes de Língua Portuguesa, que por sua vez deverão adequar-se a uma nova demanda de estudantes cujos impactos em sua formação talvez sejam ainda maiores.

Desta forma, o ensino da Língua Portuguesa por meio do ERE foi forma necessária para evitar contato presencial entre pessoas, assim tornando-se estratégia para diminuição do número de pessoas infectadas pelo vírus da COVID-19, uma vez que dados científicos provam que esta doença -Não é uma gripezinha!-, trata-se de um vírus mortal causador de 638.362 óbitos de cidadãos apenas no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Andréia. **Os impactos das aulas on-line na formação inicial de professores na região amazônica em tempos de pandemia**. Congresso internacional de educação e tecnologias: encontros de pesquisadores em educação à distância. UFSCar. 2020.

ALVES, Lynn. **Educação Remota: entre a ilusão e a realidade**. In Interfaces científicas. V.8 N.3, Aracaju (Fluxo contínuo): 2020.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introd. e trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Manoel Augusto Polastreli; JÚNIOR Pedro José Garcia (organizadores). **Pesquisas em educação e ensino: temas clássicos e emergentes**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 327 p.

BRAIT, Beth (org). Bakhtin, **dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

Brasil, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Proposta de parecer sobre reorganização dos calendários escolares e realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período da pandemia da COVID-19**. 28 de abril de 2020. Brasília, DF, 2020.

BRASIL, Ministério DA Educação. **Portaria nº 544**, de 16 de junho de 2020. Brasília, DF, 2020.

COVID19: Painel Coronavírus. Atualizado em 13/02/2022, às 18h20min. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 14 fev 2022.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. – São Paulo: Ática, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura).

GIL, Antônio Carlos, 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4.ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. – 6. Ed. – São Paulo : Atlas, 2008.

HAMILDO, Gracinda; MARGARIDA, César. **Dialogismo(s) e construção de conhecimento**. Centro de Investigação em Educação, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Revista Interações. nº. 6, PP. 1-7 (2007). Disponível em: <http://www.eses.pt/interaccoes>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**– 4 ed. - São Paulo: Atlas S.A, 1992.

LEMOV, Doug. **Ensinando na sala de aula online: sobrevivendo e sendo eficaz no novo normal** [recurso eletrônico] / Equipe Teach Like a Champion; tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa; Revisão técnica: Thuinie Daros. – Porto Alegre: Penso, 2021. **Introdução:** o ensino remoto e o novo normal. Doug Lemov & Erica Woolway.

MENDES, Alessandra Cristina Costa. **O ensino de Língua Portuguesa na modalidade remota:** análise de uma experiência contemporânea. 2020.

MENDES, Alessandra Cristina Costa. **O ensino de Língua Portuguesa na modalidade remota:** análise de uma experiência contemporânea. 2020.

PINHO, Maria José de; SOUSA, Dijan Leal de; SANTOS, Eloiza Marinho dos; SANTOS, Frank de Sousa. **O ensino emergencial remoto na pandemia de Covid-19:** uma análise a Partir da Complexidade. Revista Humanidades e Inovação v.8, n.43. 2021.

SANTOS, Francisca Maria Pinto. Et al. Régis Vieira Brito. **A contribuição das mídias digitais no processo de ensino-aprendizagem:** uma abordagem sobre o uso do celular. Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística. 2020.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. **Educação na pandemia:** a falácia do “ensino” remoto. ANDES-SN, jan 2021.